



DO LIXO AO PÃO DE CADA DIA



Do que outros mandam para o lixo, há cada vez mais famílias que encontram o seu sustento envolvidos numa economia circular induzida pelo crescimento da indústria da reciclagem no país



Se é **Agro** ou **Ambiental**

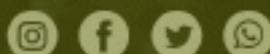
Somos seu parceiro de
comunicação

Contacte-nos

comercial@revistaterra.co.mz

www.revistaterra.co.mz

+258 863233900



ÍNDICE



06 DO LIXO AO PÃO DE CADA DIA

11

Mudanças climáticas: Banco Mundial avalia impactos na perspectiva do gênero

12

Regulamentação da Lei de Florestas vai a debate público

13

Revisão da Lei de Terras aos arrastões

18

Novos centros prometem soluções para dinamizar cadeia agrária

19

Preço do algodão revisto em baixa

25

Produção global de açúcar para 2024/25 com previsões de aumento



www.revistaterra.co.mz



redacao@revistaterra.co.mz

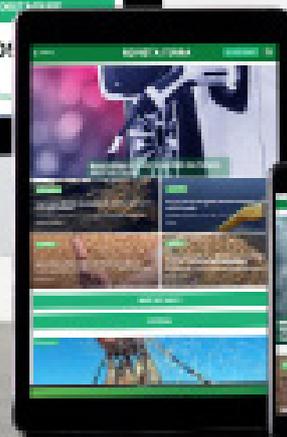
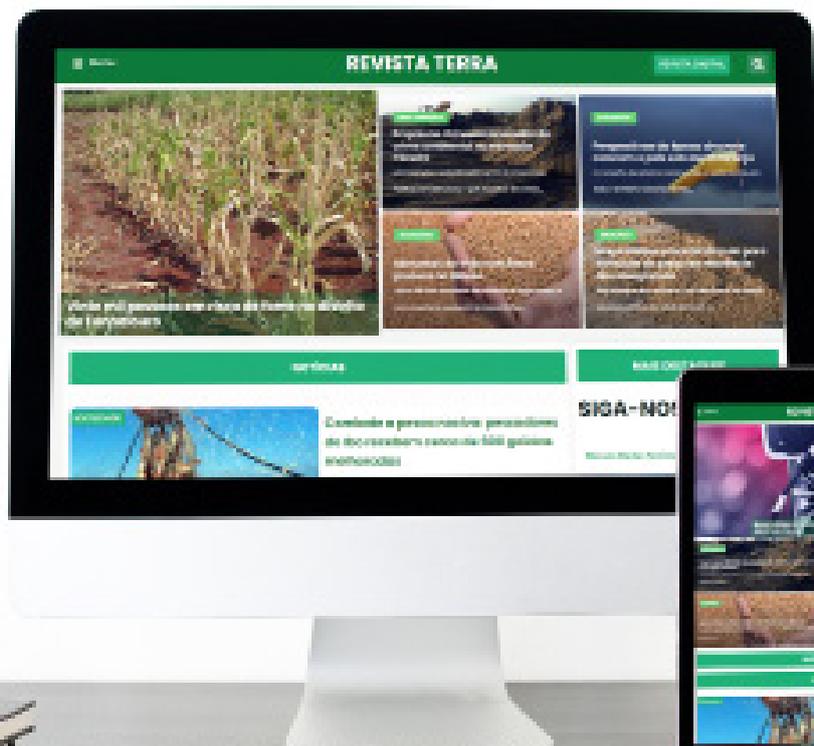


[@revistaterramz](https://twitter.com/revistaterramz)



[@revistaterra](https://facebook.com/revistaterra)

Aceda a nossa
plataforma
online através do
www.revistaterra.co.mz



Ficha técnica

Propriedade

Terramedia Consultoria e
Serviços - SU

Publicação:



Revista Terra

Rua da Resistencia n.º
1642, 3º Andar, Porta M
Telef.: +258842399758,
+258863233900
+258821233910

Email: redacao@
revistaterra.co.mz

Registo sob n.º
122/GABINFO/
DEPC/210/2022

Editor

William Mapote

Redacção:

William Mapote
Julio Armino F.
Guilherme FM
Israel Falcão

Colaboradores:

Dayson Cossa
Arcelino S. Cumbi
Nordino Gabriel
Carma S.
Amade Camal
Adelino Buque
Afonso Almeida Brandão

Revisor Linguístico:

AR&Servicos SU

Maquetização

Revista Terra
Flora Langa

Online/Webdesign

Rui Baltazar

Administração:

Narciso Filimão

website:

www.revistaterraonline.com
www.revistaterra.co.mz

Twitter:

@revistaterramz

Editorial

Quão verde será o próximo ciclo?

As eleições europeias, realizadas este mês, para o parlamento do velho continente, podem vir a ser um grande desafio para a agenda ambiental ao nível global, com principal realce para os países do terceiro mundo, pelo menos no que ao fluxo de financiamento diz respeito.

Do que se viu nas campanhas, em termos da agenda verde houve um misto de compromissos concretos, por parte de alguns partidos, e mais gerais, em grande maioria, mostrando um certo e, talvez aparente, desentusiasmo com a narrativa ambiental.

De acordo com alguns analistas, o pacto ecológico europeu e a própria legislação ambiental que na passada legislatura de Bruxelas deu sinais positivos de progressos, estão agora a receber cada vez maior negativismo, em parte, devido ao grande lobby da indústria petrolífera que continua a obrigar a que o Acordo de Paris ande em *lume brando*.

Centrado na nossa realidade, com o actual ciclo de governação a fechar, olhamos agora para o dia 9 de Outubro, como o ponto de partida para o que será a nossa agenda climática.

Os desafios do país estão identificados. As soluções, essas precisam de compromissos e estratégias mobilizadores que, quanto a nós, devem aumentar o estímulo e valorização de soluções locais, para problemas locais.

Do que até agora temos vindo a assistir, sem qualquer hesitação podemos

dizer que, apesar da vulnerabilidade em que o país se encontra, a agenda ambiental tem vindo a ser conduzida em função do ritmo dos parceiros de cooperação, até mesmo para o que podemos fazer com base em soluções locais.

Os problemas ambientais não são uma questão para ser entregue a um ministério com poder periférico, apenas para acompanhar a narrativa global e dela procurar janelas de oportunidades de financiamento.

Os problemas ambientais devem estar hoje, no topo da agenda de desenvolvimento, porquanto, afectam todos os sectores de actividade.

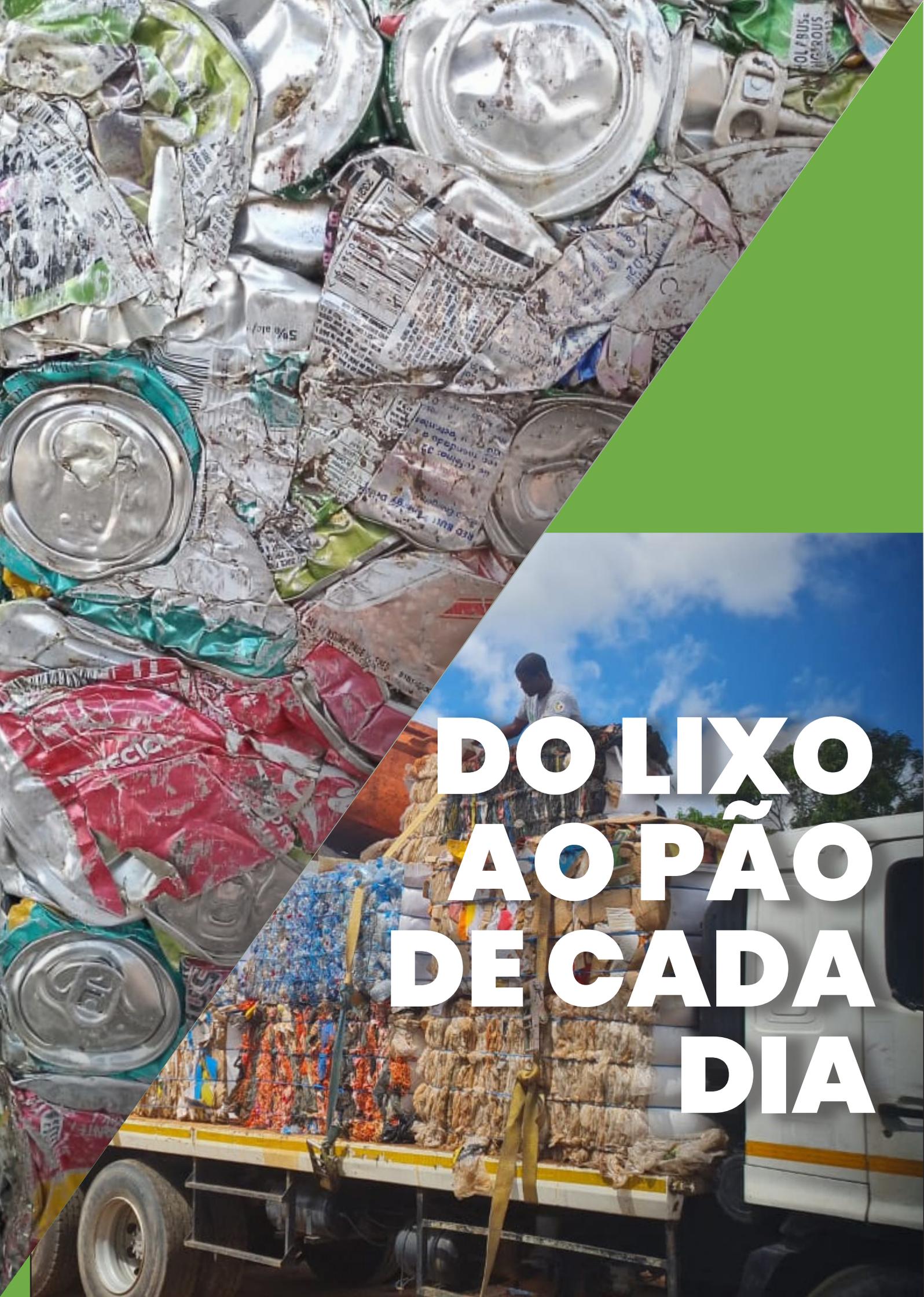
Os fenómenos extremos que temos vindo a sofrer nos últimos anos mostram-nos que não haverá qualquer desenvolvimento sustentável, se não tivermos capacidade de trazer, a nível transversal, soluções de antecipação, que, como temos vindo a reiterar, passam pela colocação da ciência, tecnologia, engenharia e a economia, ao serviço da política, das comunidades e do país.

Com o ciclo eleitoral em curso e os partidos a afinarem as suas estratégias para caso de serem a escolha para a governação, esperamos que o ambiente não fique à mercê, apenas, do que vier de fora, porque, como a história tem nos vindo a mostrar, o fluxo dos compromissos financeiros dos parceiros de cooperação, também varia em função de quem lhes governa.



William Mapote

E-mail: editor@revistaterra.co.mz



DO LIXO AO PÃO DE CADA DIA

Com a agenda global a demandar mais acções em defesa do clima, a reciclagem vem ganhando mais espaço no país. Amiga do ambiente, esta actividade está a atrair milhares de pessoas que aqui encontram a sua fonte do pão de cada dia, contribuindo, também, na longa guerra contra a poluição.



Texto: Revista Terra
Fotos: Cortesia AMOR

Naquilo que alguns descartam como resultado do seu consumo, Elisa Zaveta encontra a sua fonte de sobrevivência.

Aos fins-de-semana, enquanto alguns se divertem nas barracas dos bairros da periferia da cidade de Maputo, ela circula pelos mesmos locais como se fosse mendiga, à procura de latas esvaziadas pelos consumidores de cervejas e refrigerantes, para levá-las à reciclagem.

“No princípio era vista como se estivesse a praticar mendicância. Os meus filhos sentiam vergonha de mim e até me obrigavam a deixar de recolher o que chamavam de lixo” contou Zaveta em conversa com a nossa reportagem.

Segundo contou, há dois anos, quando começou com a actividade, era nos contentores de lixo onde chafurdava para colectar as latas, situação que foi mudando com o tempo.

“Naquela altura éramos poucos que tínhamos a coragem de vasculhar o lixo e, por isso, conseguíamos quantidades consideráveis de latas. Cheguei a acumular grande monte no quintal de casa, mas hoje, a situ-

ação mudou” explicou.



“Hoje há muitas pessoas que descobriram este negócio e as latas já não chegam aos contentores. É preciso andar nos locais onde as pessoas convivem e pedir. Mas já não é como antes. A quantidade que hoje consigo recolher não é satisfatória”, contou, com alguma nostalgia.

Produzidas, maioritariamente, com base em alumínio, as latas de cervejas e refrigerantes são agora um dos produtos mais procurados pelos catadores primários que alimentam empresas e indústrias que intervêm na cadeia de valor da reciclagem.

Ao nível da periferia de Maputo, por exemplo, os catadores já encontram concorrência de alguns trabalhadores ou proprietários de barracas, que, no lugar de mandar as latas para o lixo, acumulam para, também eles, colocarem à venda.

Este é o caso de Aníbal Chato, reformado de uma empresa pública e proprietário de uma pequena barraca de venda de bebidas no bairro de Chamanculo C.



“Para mim é juntar o útil ao agradável. Não tenho qualquer esforço porque não faço mais nada do que simplesmente juntar as latas que os meus clientes consomem aqui na minha barraca. Quando a quantidade for considerável, levo para os compradores intermédios” explicou Aníbal Chato, que, pela oportunidade, se tornou actor na base da cadeia da reciclagem.

O crescimento do número de actores nesta indústria circular obriga a esforço cada vez adicional para quem se dedica à recolha primária, que vai desde a distância percorrida, ao tempo para acumular o material reciclável, de modo a ter um rendimento significativo.

Segundo apuramos, no caso particular das latas de bebidas, o preço varia em função do comprador intermédio, oscilando de 40 a 70 meticais

por quilograma, o que equivale a cerca de 500 latas.

“Para mim sempre vale a pena. Sou viúva e vivo com dois netos órfãos de pai e mãe. Eles me ajudam na recolha de material e quando conseguimos, sempre dá para comprar pão para comermos” disse Carlota Chavane, moradora do bairro do Chamanculo C, que, para além de latas, também é catadora de material plástico.

De um modo geral, Zaveta, Chato e Chavane dizem que catar o lixo é um trabalho digno que fazem com todo o gosto, porque lhes coloca pão na mesa.

Sem pensar na contribuição que estão a dar na agenda ambiental, sabem que, para além do pão de cada dia, contribuem para cada vez menos lixo nos seus bairros.

“

Para mim sempre vale a pena. Sou viúva e vivo com dois netos órfãos de pai e mãe. Eles me ajudam na recolha de material e quando conseguimos, sempre dá para comprar pão para comermos





Uma indústria em crescimento

De acordo com dados fornecidos pela Associação moçambicana de Reciclagem (AMOR) o país vem registando nos últimos tempos, um crescimento desta indústria, facto que se traduz no aumento de projectos que a associação implementa.

Criada em 2009, a AMOR é um dos principais actores na cadeia da indústria da reciclagem, contando actualmente com um universo de cerca de três mil pessoas que encontram parte da sua renda nos projectos que implementa.

“Temos actualmente inúmeros projectos em curso e os mesmos tendem a aumentar” assegurou uma fonte da AMOR, em entrevista à nossa reportagem.

Do vidro ao plástico, ferro até às latas de bebidas, a organização alia a limpeza, promoção da sanidade e sustentabilidade ambiental à renda para as famílias.

Só na cidade de Maputo, promove mensalmente, pelo menos, três campanhas de compra de lixo reciclável

que se traduz numa remoção média de 30 toneladas de resíduos diversos.

Neste mês, a associação lançou um compromisso através do qual deverá remover, até finais de 2025, mil toneladas de resíduos em seis municípios do país, através de um projecto designado “Resiliência, aos Resíduos Costeiros Em Moçambique”.

Financiado por organizações parceiras, o projecto vai garantir renda para muitas famílias.

Um dos aspectos determinantes para o impulso da indústria da reciclagem em Moçambique é o dinamismo dado pela revolução na legislação internacional que acabou trazendo impacto, também para Moçambique.

“O quadro legal internacional, nomeadamente, a lei do poluidor pagador, teve um efeito fantástico na mudança de paradigma da própria indústria em Moçambique, pois, as empresas internacionais iniciaram sua tomada de responsabilidade pela poluição por elas criada” explicou

o Presidente da AMOR, Stephane Temperman.

“Por exemplo, a maior empresa de refresco do Mundo, presente no país, tornou-se a maior recicladora do país e da SADC, reciclando ainda mais do que sua própria importação de plástico no país”, enfatizou.



STEPHANE TEMPERMAN
PRESIDENTE DA AMOR

PUB.

COMPRE TRACTORES

Novos
ou
Recondicionados
e Respectivas
Alfaias



**Para
Encomenda
Contacte-nos**

terramagazinemz@gmail.com

PUB.



Mudanças climáticas: mulheres sofrem mais impactos do que homens

O Banco Mundial alerta sobre o elevado impacto que o efeito das mudanças climáticas tem para as mulheres comparativamente aos homens.

Na secção sobre a Resiliência e Inclusão, do Relatório sobre a Avaliação do Género em Moçambique, que lançado recentemente em Maputo, a organização aborda, de entre vários aspectos, o impacto dos conflitos e choques relacionados com o clima para as mulheres e raparigas, comparativamente a homens e rapazes e revela que em todos os aspectos, o género é mais afectado.

Na agricultura, por exemplo, o relatório indica que “as mulheres têm menos probabilidades” de acesso a “recursos ou conhecimentos necessários para adoptar Práticas Climáticas Agrícolas Inteligentes (PCAI)” comparativamente aos homens, apesar de terem (as mulheres) mais capacidade para assim proceder quando têm acesso aos recursos.

“Assegurar que tanto os homens como as mulheres agricultoras tenham acesso a tais recursos não só aumenta a resiliência das mulheres e a sua contribuição para a mitigação e adaptação às alterações climáticas,

como também ajuda a reduzir as disparidades de género na agricultura” aponta o estudo.

De acordo com o documento, que cita estudos sobre os impactos dos eventos climáticos extremos na pobreza e insegurança alimentar em Moçambique, factores como ciclones, cheias ou seca podem provocar uma queda de até 25-30 % do consumo alimentar per - capita e salienta que as famílias chefiadas por mulheres são particularmente afectadas e têm mais probabilidades de experimentar a pobreza e a insegurança alimentar”

Por outro lado, a fonte aborda o impacto das mudanças climáticas nas migrações e revela que “têm vindo a provocar aumentos da migração masculina das regiões mais duramente atingidas pelas cheias e pela seca”, mas aponta para um novo fenómeno que está a provocar na província de Inhambane.

“Na província de Inhambane, onde a migração sazonal masculina tem sido uma estratégia tradicional das famílias agrícolas, muitos homens não regressaram durante a seca de 2015-16 surgindo uma nova tendência de migração feminina, que deixa muitas crianças aos cuida-

dos dos avós” refere o relatório.

“

factores como ciclones, cheias ou seca podem provocar uma queda de até 25-30 % do consumo alimentar per - capita e salienta que as famílias chefiadas por mulheres são particularmente afectadas e têm mais probabilidades de experimentar a pobreza e a insegurança alimentar

Regulamentação da Lei de Florestas vai a debate público

O Governo vai, a partir de 27 de Junho corrente, submeter a debate público, o ante-projecto do Regulamento da Lei de Florestas, visando colher do sector privado, organizações da sociedade civil, comunidades locais e academia, as suas sensibilidades sobre a matéria.

De acordo com uma nota do Ministério da Terra e Ambiente, que tivemos acesso, o objectivo final da auscultação é “recolher contribuições para a definição de medidas para a operacionalização da nova Lei, salvaguardando a manutenção dos direitos para a aquisição e uso de lenha e carvão vegetal em benefício da população moçambicana”.

Refira-se que a nova Lei de Florestas, aprovada em Dezembro passado pela Assembleia da República, entra em vigor, precisamente este mês de Junho.

Recordar que, de entre outras novidades, a nova lei reconhece as comunidades locais como as principais guardiãs dos recursos florestais e assegura o livre acesso, de acordo com as suas respectivas normas e práticas costumeiras para obtenção de plantas medicinais, materiais de construção, combustíveis lenhosos, frutos silvestres, bens culturais e outros, para consumo próprio, isentos de qualquer licença, taxa e defeso.

O regulamento vai a debate público no meio de uma polémica gerada pela apreensão temporária de um camião e aplicação de uma multa de 20 mil Meticais a um camionista encontrado com três sacos de carvão vegetal, na província de Gaza.

O facto, que se tornou público através das redes sociais, levantou uma série de questionamentos sobre o alcance da legislação já em vigor.

Governo britânico destaca Moçambique nas prioridades de investimento ambiental

O Ministro britânico das Exportações do Reino Unido, Lord Malcolm Afford, destacou Moçambique como um dos países prioritários do investimento do seu país nas acções inscritas na agenda climática, com destaque para a transição energética.

O dirigente, que recentemente, durante o Fórum de Negócios Moçambique – Reino Unido, reiterou os compromissos que o seu país já fez, quer ao nível bilateral, quer multilateral, para ajudar Moçambique em matérias de transição verde, em particular.

“A nível global, o Reino Unido comprometeu-se a mobilizar oito mil milhões de libras de financiamento por ano através da sua Iniciativa Britânica de Parcerias de Investimento, que apoia o desenvolvimento de infraestruturas resilientes e a

transição verde. Moçambique é um país prioritário para estes investimentos” realçou o ministro.

Falando do que o seu país está actualmente a desenvolver em Moçambique, Lord Afford destacou a grande expansão na energia, dando ênfase aos projectos de geração através de gás natural, solar e eólica, que fazem parte dos compromissos do Acordo de Paris, onde segundo avançou, “quando estiverem operacionais, fornecerão eletricidade a mais de um milhão de pessoas”.

Por outro lado Lord Afford falou da participação do sector privado britânico que, através de empresas como a Gridworks, a Solar Century e a ARC Power e outras, têm uma carteira estimada em “mais de mil milhões de libras investidas em sectores que irão impulsionar a transição para a energia limpa.”

Bélgica destaca papel da juventude na acção climática

A Agência belga para o Desenvolvimento (Enabel) enaltece o envolvimento activo da juventude moçambicana nas acções de mitigação aos desafios climáticos que vêm assolando o país.

De acordo com o director geral daquela agência, Jean Van Wetter, que falava recentemente, num evento que marcou a celebração dos 25 anos de cooperação com Moçambique, a juventude moçambicana tem vindo a mostrar um activismo positivo na acção climática, o que classifica como sendo crucial para o futuro.

“Apesar dos desafios que o país enfrenta devido a vulnerabilidade, a juventude moçambicana mostrou-se uma poderosa defensora da acção climática, e os seus contributos são cruciais para moldar o futuro do desenvolvimento sustentável”, destacou.

Num evento realizado sob o lema “Tecnologias Verdes como Mecanismo de Transformação para a Resiliência Climática: Perspectivas da Juventude”, que juntou jovens activistas e empreendedores climáticos, representantes do governo e outros actores sociais, Wetter frisou que “a vulnerabilidade do país aos efeitos das mudanças climáticas” é “uma oportunidade para empreendedorismo por parte dos jovens”.

Durante a sessão de diálogo que marcou o evento, os “jovens líderes” presentes partilharam as suas percepções, experiências e proposta de “soluções inovadoras” para enfrentar as alterações climáticas em Moçambique, em particular, e “como podem ser usadas para resolver desafios globais”.

A agricultura hidropónica, o activismo artístico e a bioconstrução foram alguns exemplos de ideias e projectos apresentados, “sublinhando o papel da juventude na construção de um futuro sustentável”

Biofund e Proazul assumem projectos para protecção costeira e resiliência em 10 distritos



O Millennium Challenge Account Moçambique, entidade gestora do II Compacto, formalizou em Maio um acordo com a Fundação para a Conservação, Biofund, e a organização Proazul, para a implementação de projectos de protecção costeira e resiliência climática na província da Zambézia, Nampula e Sofala.

Segundo o anúncio feito na ocasião, estão disponíveis para a implantação daqueles projectos um valor de 100 milhões de dólares, a serem usados durante cinco anos, esperando-se resultados que melhorem o meio de vida costeira e resiliência climática beneficiando cerca de 1.5 milhão de pessoas.

“Hoje assinamos uma subvenção

do povo americano para restaurar esta costa de mangais que se estende em dez distritos, desde Marromeu até Angoche. Esta parceria assenta sobre a expectativa da transparência, inclusão e impacto” disse o Embaixador dos EUA, Marc Vrooman, no seu discurso de ocasião.

O Compacto II é um projecto financiado pelo governo norte-americano, através do Millennium Challenge Corporation e tem um pacote aprovado de mais de 500 milhões de dólares para financiamento de projectos que englobam a área climática, produção agrícola e recuperação de infraestruturas.

Revisão da Lei de Terras aos arrastões

Um ano após o início do processo de auscultação pública do anteprojecto de revisão, ainda não há garantias sobre a aprovação, este ano, da nova Lei de Terras.

Contrariando ao cronograma inicial, que previa que até finais do ano passado, o anteprojecto poderia ser submetido para apreciação do Conselho de Ministros, faltando um semestre para o fim do actual mandato, o Ministério da Terra e Ambiente não garante aprovação dentro da presente legislatura.

“Teremos dificuldades em indicar porque as contribuições foram acima daquilo que nós prevíamos e nós orientamos a Comissão de Revisão de Terras a trabalhar para incluir todas as questões apresentadas” disse a ministra do pelouro, Ivete Maibaze, quando questionada sobre se a Lei seria ou não aprovada ainda este ano.

Para já, a ministra disse que a expectativa é que ainda este ano, os resultados da auscultação pública nacional sejam submetidos ao Fórum Nacional de Terras, órgão que junta o governo, sociedade civil e o sector empresarial, para a analisar o que poderá ser uma das últimas versões do anteprojecto.

Vodacom Moçambique anuncia resultados do seu compromisso com agenda ambiental

A empresa de telefonia móvel Vodacom Moçambique anunciou, recentemente, os resultados alcançados no âmbito do seu compromisso com a agenda climática global, que tem como principais medidas, a redução das suas emissões de carbono, a transição energética e economia circular dentro das suas operações.

De acordo com resultados apresentados, no ano passado a empresa conseguiu reduzir um total de 1,2 milhões de quilogramas de gases nocivos ao ambiente, como resultado das acções que estão a ser adoptadas.

“No âmbito da transição e eficiência energética, a nossa aposta

é reduzir as emissões de carbono, tornando o nosso consumo de energia mais eficiente e aumentando o número de sites alimentados por energia solar” explicou uma fonte oficial, durante uma sessão de partilha com a imprensa, da actualidade da empresa.

A fonte apontou ainda que “neste momento temos 287 antenas alimentadas por painéis solares”, numa clara aposta na energia renovável e limpa.

No quadro da chamada economia circular, a telefonia diz ter alcançado a meta da “reciclagem ou reutilização de 100% do lixo electrónico resultante das nossas operações”.

Geocientista alerta sobre o impacto ambiental dos cemitérios na saúde pública

Um estudo recente sobre a Aplicação das Geociências Forenses, Gestão Ambiental e Riscos da Saúde Pública, alerta sobre a poluição ambiental causado por cemitérios e cremações e sugere a realização de estudos para avaliar o nível deste problema no país.

Texto: Revista Terra
Fotos: Cortesia

De autoria do geocientista moçambicano Gil Aníbal, o estudo salienta que “a poluição ambiental causada por cemitérios e cremações é uma questão complexa que requer atenção e gestão adequada para proteger o meio ambiente e a saúde das comunidades circunvizinhas”.

De acordo com o autor, as mudanças climáticas tendem a elevar a preocupação da comunidade científica sobre o impacto da decomposição dos corpos na poluição ambiental, pela “quantidade elevada de diferentes tipos de bactérias e vírus causadores de doenças, que podem ser veiculadas pela água”.

“Há necessidade de realizar um estudo sobre os cemitérios moçambicanos, face às mudanças climáticas que provocam inundações e com alto risco de contaminação dos aquíferos, e perigar a saúde público das comunidades que consomem



Gil Aníbal alerta sobre o impacto dos funerais no ambiente

água dos poços ou dos pequenos sistemas de abastecimento de água nos bairros arredores dos cemitérios, nas regiões do Grande Maputo, e outras no país” defende.

Segundo a constatação da equipa que fez o estudo, “em cemitérios onde o lençol freático é pouco profundo, as chances de contaminação das águas subterrâneas são grandes”.

No município de Maputo, por exemplo, centenas de famílias vivem, há vários anos, próximo ao cemitério de Lhanguene, o maior do país. Algumas destas residem mesmo no interior da área do cemitério, expondo-se a um risco que para Aníbal, deve ser considerado.

“O aumento da contaminação no solo e recursos hídricos próximos aos cemitérios, é essencial considerá-los como um problema relacionado à contaminação ambiental e à propagação de doenças” salientou,

defendendo por isso, a necessidade de um “controle sanitário dessas áreas para minimizar os riscos à saúde pública”.

“

As mudanças climáticas tendem a elevar a preocupação da comunidade científica sobre o impacto da decomposição dos corpos na poluição ambiental

Participe!



13ª

Conferência da Sociedade Africana
de Ciências Agronómicas
Da pesquisa a soluções práticas



Pré-Anúncio

Construindo o Futuro de África: Investigação e Inovação Agrícola para a Transformação Agrária, Resiliência e Inclusão



16 a 19
Setembro
2024

Local: Campus Principal da Universidade Eduardo Mondlane
Maputo, Moçambique

Tema 1

Sistemas de produção agrícola

Sistemas de produção sustentáveis e eficientes, desde o plantio até ao processamento, comercialização e consumo.

Tópicos:

- Melhoramento de plantas, biotecnologia e sistemas de sementes.
- Sistemas alimentares e segurança nutricional.
- Agro-processamento.
- Sistemas e tecnologias de produção modernos (agricultura digital, mecanização).
- Culturas para energia limpa.
- Culturas marginalizadas e emergentes.

Tema 2

Resiliência

Reduzir o impacto das mudanças climáticas, dos riscos naturais e das catástrofes relacionadas ao clima.

Tópicos:

- Criação de variedades tolerantes ao stress climático.
- Mudanças climáticas e resiliência dos sistemas agrícolas.
- Saúde, fertilidade e manejo do solo.
- Agricultura sustentável e regenerativa.
- Protecção vegetal, manejo integrado de pragas e biossegurança.
- Gestão da água.

Tema 3

Inclusão

Participação das mulheres e dos jovens na agricultura e no mercado.

Tópicos:

- Agronegócio, empreendedorismo e sistemas de mercado inclusivo.
- Agricultura de pequena escala e inclusão na comercialização.
- Abordagens inclusivas de género para a adopção de tecnologias e literacia financeira.
- Inclusão do género no acesso aos recursos, à formação e às oportunidades de mercado.
- Envolvimento dos jovens na agricultura.
- Sistemas de conhecimento agrícola.
- Políticas para a transformação agrícola.

Comissão Organizadora Local

Coordenadora do LOC:

Presidente da ACSS :

Secretariado:

Endereço:

Email:

Telefone:

Página Web :

Profª. Drª. Amélia Sidumo

Profª. Drª. Luisa Santos

Sr. Cremildo Chiconela and Srª. Kiara Dimande

Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal,

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo Moçambique

acss2024@uem.mz

(+258) 867800264

<https://acss2024.uem.mz>







REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
PROVÍNCIA DE NHAMBANE



SUSTENTA

CENTRO INTEGRADO DE
TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIAS

MANEJADO POR SUA EXCELÊNCIA

FILPE JACINTO NYUSI

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Manhiça, 10 de Junho de 2024



Novos centros prometem soluções para dinamizar cadeia agrária

O Governo inaugurou, recentemente, no Posto administrativo de Mapinhane, distrito de Vilanculo, em Inhambane, o primeiro Centro Integrado de Transferência de Tecnologias, que promete ser a base para a transformação do sector agrário naquela província, em particular.

Inserido no programa SUSTENTA, o centro foi projectado para oferecer serviços que vão desde a pesquisa, infraestruturização da terra, abertura de acessos, assistência técnica e equipamentos necessários para aumentar o nível de produção e produtividade.

“Pretendemos que esta nossa iniciativa transforme a agricultura numa prática produtiva e rentável em toda a sua cadeia de valor e seja cada vez mais robusta” disse o Presidente da República, Filipe Nyusi, após inaugurar o centro.

Financiado pelo Governo austríaco, o centro ora inaugurado, faz parte de um conjunto de 150 que o Executivo projecta para o país, com o objectivo de “promover a inclusão produtiva”, através do acesso à assistência técnica, transferência de tecnologias, insumos, promoção de negócios inclusivos nas comunidades rurais.

Para além do executivo de Viena, que assegurou cerca de 10 milhões de Euros em apoio financeiro e técnico para quatro centros construídos em Sofala e Inhambane (incluindo o inaugurado em Mapinhane) o Governo está a negociar com o Banco Africano de Desenvolvimento e o Fundo Árabe, para a construção de 40 centros.

Os centros são entregues a uma gestão num modelo público - Comunidade - Privado e espera-se que contribuam para alavancar os pequenos agricultores, que são os principais actores da produção agrária no país.

Vale do Zambeze com PROMEZA para alavancar o desenvolvimento agrícola

O distrito de Chitima, província de Tete, testemunhou no passado mês de Maio, ao lançamento de um novo projecto visando acelerar a produção e a produtividade agrícola no Vale do Zambeze.

Denominada Projecto de Produção Orientado ao Mercado no Vale do Zambeze (PROMEZA),

a iniciativa conta com um financiamento de 120 milhões de meticais, disponibilizados pela Agência do Vale do Zambeze e pela Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) que durante três anos, deverão ser aplicados para iniciativas focadas no aumento da produção alimentar, visando garantir o abastecimento ao

mercado consumidor e indústria transformadora da região do Vale do Zambeze, em particular.

Para a execução do projecto, o Governo anunciou a disponibilidade de tractores, alfaias e outros meios necessários para o transporte da produção para os mercados.



Preço do algodão cai três meticais no mercado nacional

O preço do algodão-caroto baixou três meticais na campanha de comercialização deste ano, comparativamente à passada, estando fixado em 30 meticais o kg para o produto da primeira qualidade e 22 o de segunda.

A nova tabela de comercialização foi chancelada pelo Governo, após consensos no Fórum Nacional dos Produtores do Algodão (FONPA).

Segundo dados partilhados no evento, determinou a redução do preço a conjuntura do mercado algodoeiro mundial, que vem sendo marcado pela desvalorização do produto

De acordo com dados apresentados na sessão, na presente campanha há excesso de produção no mercado internacional o que faz com que o preço de venda esteja mais baixo que a época passada.

Para minimizar o impacto nos produtores, o Governo decidiu subsidiar em cinco meticais o preço a ser praticado para evitar uma queda ainda acentuada, o que, segundo argumentou, "seria desastroso para o esforço empreendido por milhares de agricultores que se dedicam a esta cultura de rendimento".

Evolução do preço no mercado global

Depois de um registo histórico em 2011, onde o preço ultrapassou os 200 dólares a tonelada, o algodão teve um ciclo de quedas acentuadas nos 10 anos seguintes, chegando aos 65 dólares em 2020.

O ciclo de desvalorização voltou a ser interrompido em 2022, onde a cotação foi de 163 dólares, contudo, desde o ano passado voltou a derrapar, estando fixado este ano em 85 dólares, segundo a cotação de Maio.







Moçambique promove cultura do Café

Pelo menos quatro mil pequenos agricultores estão envolvidos na cultura de café, actualmente cultivado nas províncias de Cabo Delgado, Niassa, Zambézia, Tete, Manica, Sofala e Maputo, o que no ano passado se traduziu numa produção de 29 toneladas.

Relançada há quase uma década, a cultura do café está a ganhar força ao nível nacional, estando já com um total de 13 empresas produtoras e 15 marcas nacionais registadas e a meta agora é que, até 2030, mais três mil produtores entrem nesta produção.

Falando semana finda, na abertura do primeiro Festival do Café, que juntou em Maputo, centenas de actores envolvidos na cadeia de produção e comercialização deste cereal, o Ministro da Agricultura e Desenvolvimento Rural, Celso Correia, destacou as potencialidades que o país possuiu nesta cultura, que apesar de estar ainda em quantidades “modestas” salienta-se por estar a ser cultivada em áreas de conservação e uma produção orgânica, onde sobressaem as variedades Arábica, Robusta e Racemosa, deixando, por isso, garantias de ser um sector que vai continuar a merecer incentivo.

“Não visamos apenas o aumento da produção, mas também padrões mais elevados de qualidade e sustentabilidade, assegurando que o café moçambicano se torne sinónimo de excelência” disse o ministro.

O governante chamou atenção para o impacto que as “alterações climáticas e a volatilidade do mercado” têm nesta cultura e a respectiva cadeia de valor e defendeu a necessidade “melhorar as infra-estruturas, a formação e

investigação” para melhor enfrentar os desafios.

“Esta visão requer dedicação, inovação e um esforço unificado de todos. Devemos investir em investigação e desenvolvimento, melhorar os nossos programas de educação para os agricultores e construir cadeias de abastecimento robustas que liguem os nossos produtores aos mercados globais”, salientou.

O festival contou com a presença da diretora-executiva da Organização Internacional do Café, Vanússia Nogueira que, no seu discurso de ocasião, destacou as potencialidades de Moçambique para aumentar a produção desta cultura.

Cotação em alta

O café registou na semana passada a maior cotação dos últimos 17 anos no Mercado internacional

De acordo com dados de agências que monitoram o comportamento daquele grão, as negociações para as futuras ofertas já subiram quase 40% neste ano.

Na última sessão da bolsa de Londres, o café robusto subiu 0,12%, para US\$ 4.241 por tonelada, quando há dois meses, a mesma quantidade estava cotada a US\$ 3.777.

Especialistas deste Mercado apontam a subida em flecha da cotação, como resultado da situação no Vietname, o segundo maior produtor do mundo, que enfrenta uma seca severa.

TABELA DE PUBLICIDADE

TABELA DE PREÇOS DA REVISTA DIGITAL

| ESPAÇO | CUSTO |
|----------------|----------------|
| Página inteira | 10.200Mt + IVA |
| Meia página | 5.300Mt + IVA |
| Rodapé | 3.500Mt + IVA |
| Meio do rodapé | 1.750Mt + IVA |

TABELA DE PREÇOS DO ONLINE

| Formato | DIMENSÕES | CPM (Campanha por Site) Mensal |
|-----------|---------------|--------------------------------------|
| Billboard | 1200 X 250 Px | 7.000,00Mt + IVA |
| Skycraper | 120 X 600 Px | 5.000,00Mt + IVA |
| Square | 250 X 250 Px | 3.000,00Mt + IVA |



Os Índices da Produção Agrícola Não Dependem do Crescimento Populacional



Afonso Almeida Brandão
Colunista

O Ministério da Defesa do Reino Unido divulgou relativamente há alguns meses atrás o seu relatório “Global Strategic Trends” — um estudo que, baseado em dados estatísticos e na opinião de um grande número de especialistas, delinea os vários aspectos que se prevê que vão mudar nas nossas sociedades até 2045. A Revista TERRA, sempre atento às questões pertinentes que se passam na actualidade e no Mundo, debruça-se esta semana sobre a questão dos recursos e da demografia.

Duas graves crises demográficas do mundo dos nossos dias, simultâneas mas de sentido oposto, poderão vir a afectar seriamente o Futuro do Planeta. Nos países desenvolvidos, o problema é a quebra das taxas de natalidade que diminui drasticamente o número de jovens em relação a idosos e ameaça reduzir ainda mais as populações (a previsão para Portugal é de que em 2045 poderá não ter mais do que 7 milhões de habitantes). Nos países subdesenvolvidos, no qual podemos incluir a CPLP e— do qual Moçambique faz parte — e também a África Austral, o problema é o inverso: a população cada vez aumenta mais, e de uma forma descontrolada.

Apesar de ambos os casos serem problemáticos, a situação dos países desenvolvidos poderá trazer alguns benefícios a longo prazo. De facto, a crise reside nos rácios entre população activa e não activa, mas o declínio da população poderá não ser um problema tão grave a longo prazo quando tivermos em conta os avanços na automatização.

Em contrapartida, uma enorme população pode criar problemas

gravíssimos. Globalmente considerado, o planeta Terra está cada vez mais sobrelotado: hoje já há mais de SETE MIL MILHÕES de humanos a viver na Terra. Mas em breve seremos ainda mais: algumas previsões apontam para uma população mundial de 9 mil milhões em 2045, outras prevêem números ainda mais altos.

Esta não é uma questão nova. Thomas Robert Malthus foi, no final do século XVIII, o primeiro economista a analisar as crises demográficas que assolavam periodicamente a Europa, chegando à conclusão de que o crescimento populacional era um processo exponencial que não estava dependente dos índices de produção agrícola. Ou seja: mesmo escasseando a comida, a população continuaria a aumentar até esse crescimento ser travado por meio de doenças ou por meio da fome quando finalmente a produção de comida não chegasse para alimentar toda a população.

Existem duas formas genéricas de olhar para as conclusões de Malthus. Há aqueles que consideram que o importante é aumentar a produção, dessa forma evitando a “armadilha demográfica”, e há aqueles que consideram que é importante limitar o aumento descontrolado da população.

Durante a revolução industrial do século XIX e a revolução verde dos anos 70 do século XX, propagou-se a ideia de que o Malthusianismo era uma teoria ultrapassada. De facto, o enorme aumento de produção de comida permitiu alimentar mais bocas do que nunca. Só que, agora, o problema poderá não estar apenas na escassez de comida em si.

A IRONIA DO DESENVOLVIMENTO

Nas últimas duas décadas, milhões de pessoas saíram da miséria nos países em via de desenvolvimento. Hoje, mais pessoas têm acesso a condições de vida aproximadas das da classe média ocidental. Infelizmente, não existe a garantia de que os recursos disponíveis sejam suficientes para manter estas condições de vida, pelo menos para tantos milhares de milhões.

O relatório britânico prevê que, graças a desenvolvimentos na Agricultura, a produção de alimentos poderá aumentar algo como 70% nos próximos 30 anos — um valor que, apesar de impressionante, simplesmente não será suficiente para alimentar vastos milhares de milhões de pessoas.

Pior: o aumento da popularidade do biodiesel (obtido pelo processamento de produtos agrícolas) está a colocar muitos países perante um dilema — ou cultivam para comer ou cultivam para produzir biodiesel. À medida que o petróleo se tornar mais escasso e aumentar o recurso ao biodiesel (especialmente porque os velhos automóveis poderão ser convertidos com facilidade para esta nova energia), um número crescente de cultivadores tenderá para uma exploração energética, e não alimentar, das suas plantações. A procura excederá em muito a oferta, e como tal os preços dos bens agrícolas subirão.

As previsões mais optimistas apontam para um aumento mediano de 30% no custo dos produtos

agrícolas, mas as menos optimistas apontam para 100%, ou mais. Não será um cenário inédito. Um choque similar aconteceu já em 2006, quando os preços da comida dispararam em todo o planeta, só sendo a crise solucionada por meio de intervenções estatais.

As consequências políticas e sociais seguir-se-ão, caso o pior aconteça. Nada de novo ou inédito na história. A revolução francesa, por exemplo, teve como causa próxima a insatisfação dos parisienses com o preço da comida.

Para os países em desenvolvimento, o cenário ainda piora mais no futuro. Não só terão de resolver todos os problemas inerentes a uma taxa demográfica descontrolada, como enfrentarão um problema extra, para o qual os cientistas vêm chamando a atenção: as alterações climáticas vão levar a que a produtividade agrícola decresça nos países mais próximos do Equador, nomeadamente em África e no Sudeste e Sul da Ásia. Curiosamente, é provável que a produtividade aumente nos países em latitudes mais elevadas, como Portu-

gal por exemplo.

A triste ironia é que os países que vão precisar mais de comida serão, precisamente, aqueles que vão ter cada vez mais dificuldade em produzi-la.

TODAS AS GOTAS CONTAM

Água: todos dependemos dela. A humanidade e a sua civilização dependem de um fornecimento constante de água doce, um recurso finito, cuja “produção” não pode ser aumentada facilmente e sem enormes custos (a dessalinização, por exemplo, é um processo proibitivamente caro). Mas, mesmo sendo um recurso finito, o seu consumo está a aumentar cada vez mais.

Uma das principais causas deste aumento de consumo? A necessidade de aumento da produção agrícola para sustentar o enorme crescimento populacional que o planeta regista. As mesmas alterações climáticas que farão diminuir a produção de comida em muitos países menos desenvolvidos tenderão também a reduzir o stock de água disponível.

A quantidade de água usada hoje já é manifestamente inferior às necessidades, e muitos países no mundo ainda dependem de fontes de água insustentáveis, como aquíferos (formações geológicas com águas subterrâneas).

Estima-se que o consumo aumente em cerca de 40 por cento até 2045, com uma diminuição da oferta sempre a espreitar. É por esta razão que vários cientistas avançam com um número drástico: 40 por cento da população mundial poderá ter um acesso muito limitado, ou mesmo nenhum acesso, a água potável dentro de 30 anos.

As consequências prometem ser graves. Além dos conflitos políticos já mencionados, os britânicos prevêem que, em situações de desespero, a disputa de recursos poderá ser particularmente brutal, dando azo a guerras prolongadas e sangrentas. No século XX travaram-se guerras pelo petróleo; no século XXI, parece que se vão travar pela água. Resta-nos aguardar para ver...

PUB.

Nossos Serviços na Área de Construção

Oferecemos uma diversa gama de opções
aos nossos clientes

CONTACTE-NOS NA:

1 Litchie Road, Vintonia, Nelspruit, Mpumalanga

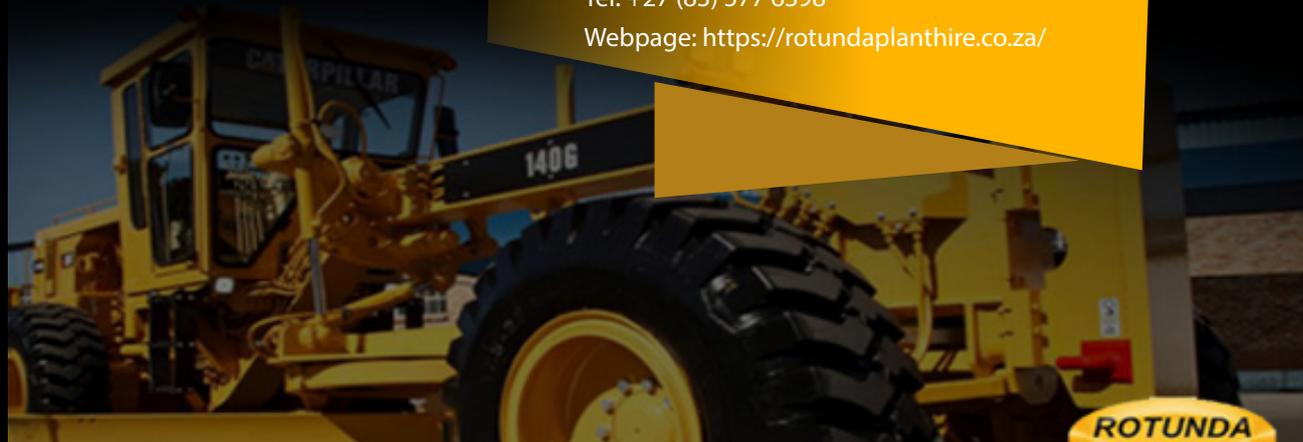
Ou através do email:

sales@rotundaplanthire.co.za

Tel: +72 (82) 966 1652

Tel: +27 (83) 577 6398

Webpage: <https://rotundaplanthire.co.za/>



Produção global de açúcar previsões de aumento para 2024/25

A produção global de açúcar para a campanha 2024/25 deverá atingir 186 milhões de toneladas, representando um aumento de 1,38% comparativamente à época passada, indica uma projecção do Serviço Agrícola Estrangeiro (FAS) do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Segundo aquela agência, o ligeiro aumento esperado deverá ser impulsionado pela produção na Índia e na Tailândia.

No caso específico da Tailândia, a produção esperada é de 10,2 milhões de toneladas, representa um crescimento de 16,4% comparado com a época passada, como resultado da recuperação da produção de cana e um maior nível de açúcar total recuperável (ATR). Por seu turno, na Índia, a produção no próximo ciclo deve crescer 500 mil toneladas, para 34,5 milhões de toneladas, com melhor rendimento agrícola.

Apesar do crescimento esperado ao nível da produção, a previsão para exportações globais é de uma queda de 3,53% em 2024/25, para 65,83 milhões de toneladas.

Refira-se que o USDA estima um consumo mundial de 178,8 milhões de toneladas em 2024/25, contra 177,33 milhões de toneladas em 2023/24.



Ucrânia projecta queda de colheita para próxima campanha

O Ministério da Agricultura ucraniano prevê uma queda de 12% da colheita de cereais na presente época agrícola, comparativamente à anterior, colocando a produção em 52,76 milhões de toneladas.

A informação foi avançada no início do mês corrente, pela empresa de consultoria APK-Inform que refere que a colheita deste ano poderia incluir 19,99 milhões de toneladas de trigo, 26,77 milhões de toneladas de milho e 4,51 milhões de toneladas de cevada.

No que diz respeito às exportações, a APK-Inform refere que para o período de Julho de 2014 a Junho de 2025 haverá uma queda de 26%, para 36,16 milhões de toneladas, de 49,02 milhões de toneladas em 2023/24.

As exportações de cereais de 2024/25 devem incluir 12,7 milhões de toneladas de trigo e 21,3 milhões de toneladas de milho.

“Para 2023/24, é provável que a Ucrânia exporte 28 milhões de toneladas de milho e 18,2 milhões de toneladas de trigo”, refere a fonte.

Refira-se que a Ucrânia é um dos principais produtores mundiais de cereais e, apesar do conflito em curso, continua a assegurar o abastecimento a muitos mercados mundiais.

África com nova parceria para Produção alimentar

As principais organizações de desenvolvimento ao nível mundial, comprometeram-se a juntar-se numa parcerias visando expandir a Visão para Culturas e Solos Adaptados (VACS), uma iniciativa destinada a criar sistemas alimentares africanos resilientes, baseados em culturas diversificadas, nutritivas e adaptadas ao clima, cultivadas em solos saudáveis.

O compromisso foi anunciado recentemente em Nairobi, capital do Quênia, à margem da Cimeira Africana sobre Fertilizantes e Saúde do Solo, pelo Banco Africano de Desenvolvimento, União Africana, os Estados Unidos, Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola e CGIAR.

As cinco culturas definidas como prioritárias para a iniciativa estão alinhadas com o projecto “Tecnologias para a Transformação Agrícola Africana” do Banco Africano de Desenvolvimento” e são a mandioca, a batata-doce de polpa alaranjada, o sorgo, painço e feijão.





A **Moz Timber** é uma empresa que oferece soluções de madeira, amigas do ambiente, ecológicas e saudáveis.

A **Moz Timber** fornece parquet de micruse da primeira qualidade; Faz montagem, afagamento, envernização e manutenção do parquet; e Fornece decks para piscinas, esquadilha completas, portas para pequenas e grandes obras.



845458292 | 872854640

VISÃO | VISION

Moz Timber Consulting & Services pretende ser uma referência nacional, regional e internacional no fornecimento de produtos madeiros que agreguem valores no desenho e construção de obras públicas e privadas.

Moz Timber Consulting & Services intends to be a national, regional and international reference in the supply of wood products that add value in the design and construction of public and private works.

MISSÃO | MISSION

Fornecer produtos madeiros de alta qualidade visando satisfazer as necessidades e expectativas de clientes na construção das suas habitações e outro tipo de obras públicas e privadas; Prestar serviços de assessoria e pesquisa em assuntos ligados a exploração sustentável dos recursos florestais.

Supply high quality wood products in order to satisfy the needs and expectations of customers in the construction of their homes and other types of public and private works; Provide advisory and research services on matters related to the sustainable exploitation of forest resources.



www.revistaterra.co.mz



Revista Terra

Rua da Resistencia n.º 1642, 3º Andar, Porta
M Telef.: +258842399758, +258847344482
e +258821233910

Email: redacao@revistaterra.co.mz